

desinformémonos

Revista Comunitária Bimestral Número 10 Dezembro/Janeiro 2011

«Desinformémonos hermanos tan objetivamente como podamos»

www.desinformemonos.org

LOS NUESTROS

Abdias do Nascimento:
um século
de luta negra

AUTONOMIA

Valencia Donyets, um
atrevido
pedagógico

REPORTAJES

**Estamos cansados
de estar cansados**

LOS NADIES

**Depoimento de
um trabalhador
libertário**

Um olhar sobre a
greve na França



**Histórias das revoltas
Adolfo Gilly**



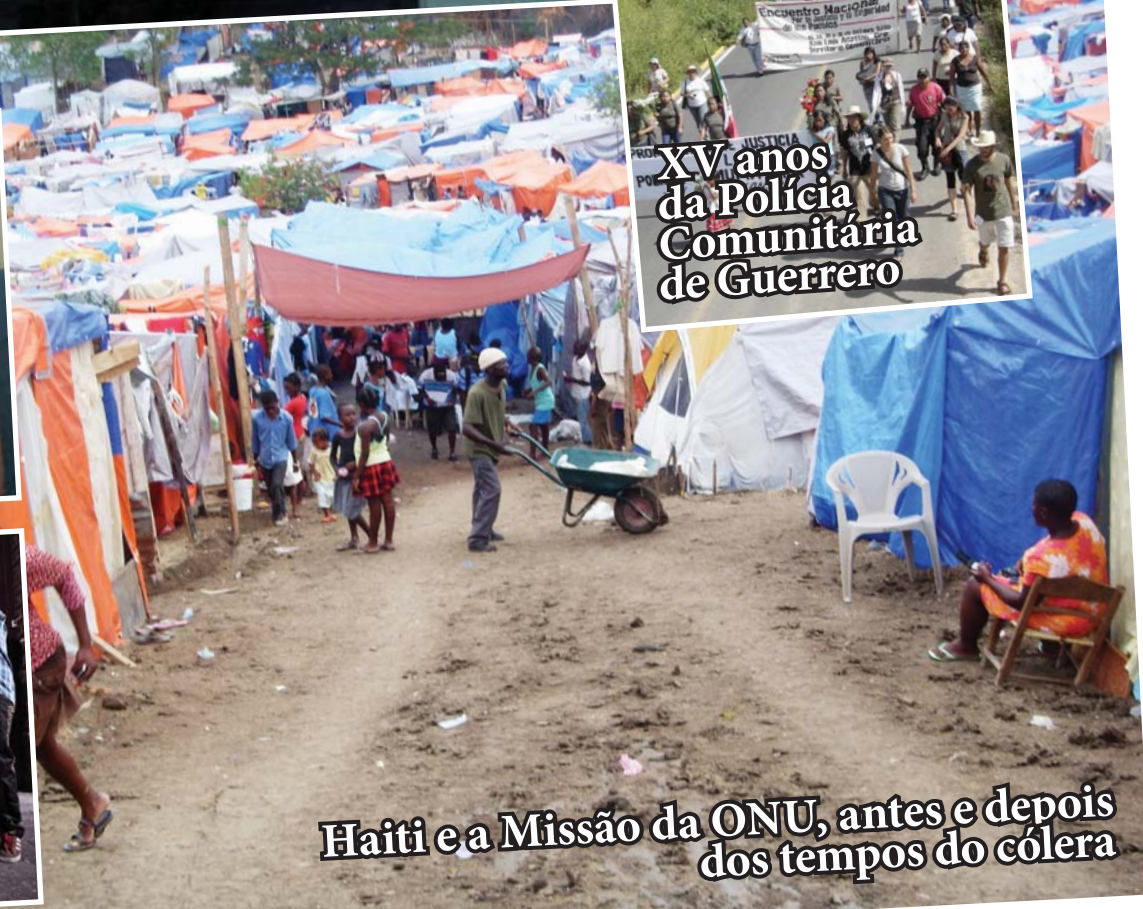
**Mabruka
Mimouni: palavras
urgentes que não
foram escutadas**



**Nicaragua
Maritza "A vida
fica mais dura"**



**Los de Abajo
O som da
resistência**



**XV anos
da Polícia
Comunitária
de Guerrero**

**Haiti e a Missão da ONU, antes e depois
dos tempos do cólera**

Haiti e a Missão da ONU, antes e depois dos tempos do cólera

Fabrizio Lorusso

Do terremoto ao cólera

Neste momento, os meios de comunicação internacionais centram sua atenção na evolução de uma grave epidemia de cólera no Haiti, a qual pode se estender a Porto Príncipe, com o risco de contagiar mais de 1,3 milhão de pessoas nos acampamentos de refugiados depois do terremoto de 12 de janeiro de 2010. Fala-se em um pouco mais de 500 mortos em somente alguns dias, e já se vive nova crise humanitária. O Haiti voltou ao destaque na mídia, depois da grande espiral de silêncio em consequência do terremoto de 7.3 graus na escala Richter em janeiro.

À tragédia humanitária do sismo somaram-se as chuvas que assolam o Haiti, e o furacão Tomás, que, se não foi exatamente um problema grave, deixou 20 mortos e muitas casas danificadas, além do risco para aqueles que vivem em abrigos e, sobretudo, nas ruas. Agora, chega, por fim, o cólera, que já provocou mortes no norte do país, e mais de 8 mil pessoas que se encontram hospitalizadas.

Eleições à vista

O clima político ficou ainda mais tenso com as eleições parlamentares e presidenciais de 18 de Novembro, que levou 4 milhões de pessoas às urnas. Agora, em meio a acusações de fraude e conflitos entre partidários e opositores do atual presidente, René Preval, as Nações Unidas têm a missão de fazer prevalecer a ordem pública. No país desde junho de 2004, a Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (Minustah, da sigla em francês) enfrenta o desafio de encarar a crescente distribuição de armas entre a população, a reconstituição de grupos dedicados ao tráfico de drogas e sequestro, em contato íntimo com as forças políticas do país.



Foto: Fabrizio Lorusso

Ajuda seletiva, barracas e geopolítica

Haverá uma disputa entre os países doadores, Estados Unidos, Canadá e França, e empresas multinacionais para adquirir os milionários contratos públicos para a reconstrução do país e para utilizar a enorme quantidade de mão de obra barata que poderá ser recrutada dos acampamentos de refugiados. A culpa parece ser da Comissão Interina para a Reconstrução do Haiti (CIRH), presidida pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, e pelo primeiro-ministro haitiano, Jean-Max Bellerive, os quais foram acusados de descumprir promessas feitas. A CIRH foi criada depois do terremoto de 12 de janeiro.

A participação das Nações Unidas no Haiti começou em fevereiro de 1993 em uma operação conjunta com a OEA (Organização dos Estados Americanos), a qual foi reconfirmada depois pelo Conselho de Segurança, no mês de setembro, com a Missão das Nações Unidas no Haiti

(UNMIH, da sigla em inglês). Esta não se desenvolveu plenamente senão até o fim de 1995, pela ausência de cooperação das autoridades militares haitianas, que, naquela fase, estavam respaldando o golpe implementado no dia 29 de setembro de 1991, pelo general Raoul Cédras contra o presidente Jean-Bertrand Aristide, vencedor das eleições de dezembro de 1990. No entanto, o papel das Missões que a ONU realiza no Haiti foi questionável. Os capacetes azuis tiveram um papel contraditório desde o princípio e foram acusados de numerosos assassinatos e violações dos direitos humanos. Depois de tantos problemas na capital haitiana, entre simpatizantes do atual presidente Preval e o ex-presidente Aristide, reforçou-se o mito de que o Haiti é um povo violento e selvagem que necessita dos exércitos estrangeiros para sobreviver. O Haiti hoje vê-se imerso em um momento complexo, já que a tomada de decisões importantes é feita também por terceiros, e as decisões muitas vezes não buscam o interesse real e o bem comum do povo haitiano.

Histórias das revoltas (Rascunho)

Adolfo Gilly é historiador, escritor e professor emérito da Universidade Nacional Autônoma do México. É autor de uma história da revolução mexicana: “A revolução interrompida” (1ª edição, 1971) e de outros estudos e ensaios históricos, políticos e literários.

Adolfo Gilly nasceu em Buenos Aires em 1928, foi preso político no México entre 1966 e 1972, e é mexicano naturalizado desde 1982. Seu livro mais recente é “Histórias clandestinas”, Edições Itaca/La Jornada, 2009, dezesseis escritos sobre rebeliões e rebeldes na Bolívia, Cuba, Guatemala, Peru e México. Em sua apresentação diz-se: “Os escritos deste livro, cada um em seu tempo e em seus lugares, buscaram iluminar, registrar ou apreender aqueles momentos descontínuos da história em que irrompem à plena luz os sentimentos, as maneiras de estar juntos, os modos e as imaginações dos oprimidos, dos subalternos, dos que vivem por suas mãos, os feitores; e de alguns que com eles lançam seu destino”.

Companheiros do “Desinformémonos”:

Este escrito, homenagem imediata a Friedrich Katz, o grande historiador de Pancho Villa que morreu na madrugada de 16 de outubro de 2010, é simplesmente um rascunho, um adiantamento para não esperar, um esboço ainda não terminado, ainda que talvez falem somente uns poucos retoques. Peço-lhes que como tal o publiquem, visto que chega o centenário do qual em vão pretendem também nos despojar. AG.

O historiador não vai buscar uma imagem de futuro na idealização ou na depreciação do passado que *investiga* ou *imagina*.

Vai buscar as marcas verdadeiras, a região onde se engendrou o presente e, sobre tudo, a região e o processo onde se engendram os fantasmas do futuro, as imaginações do porvir próprio, os *mitos práticos* que organizam as vontades.

As revoluções, as revoltas, as irrupções criam o subsolo, o piso e o *humus* de onde um povo imagina quando se trata de imaginar, e não só de obedecer ou de repetir a rotina de todos os dias.



Não imagina uma desordem perpétua, senão um equilíbrio, uma ordem nova de justiça e liberdade.

Imagina, pois, quando a hora de *criar* advém. Este criar é a partir das condições e *realidades* presentes de suas vidas, não de uma repetição do passado ou de um impossível regresso a ele. Mas realidades são também *experiência* e *cultura material*, ambas heranças daquele passado.

O que permite e nutre essa imaginação é a experiência, incomparavelmente mais real, material (porque em vida) e duradoura do que os planos e os programas das classes dirigentes para ordenar e regimentar as vidas dentro de seu domínio.

Explorar, investigar, trazer à luz esse *humus* requer intenção na busca; e na busca histórica são possíveis diversas intenções, não uma melhor que a outra ou mais científica, mas *diferentes* (e, como costuma frequentemente acontecer se o trabalho é bom, essas indagações se cruzam e se nutrem e se propõem novas questões e perguntas). É impossível *educar* esse *olhar* se se considera a Divisão do Norte como uma *anomalia* e não como uma *criação*; se a considera como um *erro*, e não

como uma forma da *verdade* da vida; se a vê como uma *interrupção* do bem ou uma *irrupção* do mal: e não como uma *irrupção* do bem (outro).

É impossível pensar a história como a história isolada da ordem (das instituições, dos museus, dos governos, da ciência, da arte...) sem pensá-la também como a *história da humilhação*, da desordem, do *sofrimento* imposto pela ordem dada em cada época e lugar.

[*E, desgraçadamente, / a dor cresce no mundo a cada instante/ cresce a trinta minutos por segundo, passo a passo – César Vallejo.*]

É preciso estudar como unidade os *momentos de revelação* e os *momentos de rotina* cheia de vida: as plantações, as ruas das cidades, as oficinas, as praças, as escolas e suas aprendizagens, as cantinas, os cinemas e as lanchonetes...

[*Todo ato ou voz genial vem do povo / e vai até ele, de frente ou transmitido / por incessantes ramos, pela fumaça rosada / de amargas senhas sem fortuna – César Vallejo.*]

Em todos esses momentos *vive* e *cria* aquela parte imensa da espécie humana que não está nos registros senão como estatística ou como trabalho passado cristalizado em obras, essa que com intermitência irrompe e se revela. Mas não é que desperta, senão apenas que aparece e se apresenta.

Olhares: olhar ali e dali é uma escolha. Mas para fazê-la e afirmá-la na vida e na obra, não é requerido nem necessário ignorar ou depreciar quem olha de outros lados quando o fazem com rigor e justiça. Também estes são necessários para aqueles.

Desafios e conquistas de uma das experiências autônomas mais notáveis do México **XV** anos da **Polícia Comunitária de Guerrero**

A Polícia Comunitária - CRAC percorre um caminho difícil, importante e vigente como sistema de justiça e segurança para os povos. A Coordenação Regional de Autoridades Comunitárias (CRAC) busca vias para um desenvolvimento regional atendendo às áreas de saúde, educação, comércio e meios de comunicação
Edição de um texto original de Sergio Ferrer

San Luis Acatlán, Guerrero. Nove municípios das Montanhas da Costa Chica de Guerrero contam com a polícia comunitária. Essa polícia não pertence ao governo, não oferece salário, seu sistema se baseia na reeducação. De 13 a 16 de outubro último, realizou-se o Encontro Nacional pela Segurança e Justiça dos Povos no marco do XV aniversário da Polícia Comunitária e a CRAC.

A Polícia Comunitária percorre um caminho difícil, importante e vigente como sistema de justiça e segurança para os povos. A CRAC busca vias para um desenvolvimento regional atendendo às áreas de saúde, educação, comércio e meios de comunicação.

O contexto

Nos anos 1960 e 1970 surgiram movimentos sociais, tendo como representantes Lucio Cabañas e Genaro Vázquez. O Estado não entendeu a problemática que originou a mobilização e desatou uma guerra contra esses grupos. Nos anos 1990 aconteceram matanças de indígenas que continuam impunes, como os massacres de Aguas Blancas e de El Charco.

A alternativa à Guerrilha se cristalizou em um projeto regional que hoje consiste em um sistema de justiça comunitária na zona das Montanhas de Guerrero. Foi necessária a criação de uma polícia que freasse a delinquência contra as pessoas que transitavam os caminhos de Costa-Montaña. Com esse objetivo, a Polícia começou as atividades no dia 15 de outubro de 1995.



Funcionamento da CRAC

A Polícia consta com quase 700 elementos, é regulada pela CRAC. O sistema de justiça se baseia na reeducação. Isto é, quem comete uma falta, tem um período de 15 dias para trabalhar nas comunidades, além disso os anciãos da comunidade oferecerão sermões para sua reeducação. Pela primeira vez a CRAC organizou o Encontro pela Segurança e Justiça dos Povos, ao qual assistiram diferentes organizações locais, nacionais e internacionais.

A atualidade de Montaña

Nas Montanhas de Guerrero continuam sendo registrados atos de corrupção, fraudes multimilionárias, discriminação e violência contra indígenas. Muitas mortes na região são ocasionadas em decorrência do conflito de terras.

Exemplos de fraudes financeiras recentes são os de duas cooperativas de economia popular que aplicaram golpes ou atuaram

de maneira irregular. As mesmas pessoas da comunidade cooptaram os que sofreram fraude.

Não há regulação nos preços. gEm Montaña não há centavos h. Lojas como Chedraui optaram por não lidar com centavos, motivo pelo qual arredondam as quantidades.

Imigração

A imigración para os Estados Unidos incrementou o poder aquisitivo de alguns habitantes de Montaña; bancos, telefonia móvel e roupa se assentaram em locais de Tlapa.

Falando de migração interna, jornaleros prestam serviços no norte do país. O Centro de Direitos Humanos de Montaña, Tlachinollan, pediu a instâncias governamentais e federais apoio e medidas para evitar abuso ou exploração dos jornaleros. Pouco foi feito.

O que aconteceu?

Na plenária do encontro, os assistentes pediram a libertação de presos políticos e a desmilitarização, assim como castigo a quem viola os direitos humanos no país. Ratificaram o apoio a San Juan Copala. A vinculação da CRAC com a UNISUR e meios de comunicação comunitários, deve contribuir informando e gerando qualidade de vida para as pessoas das Montanhas de Guerrero. Assim como considerar o trabalho da mulher no desenvolvimento do projeto, que é desenvolvido de povoado para povoado.

Ser imigrante sem papéis te tira o direito a escolher onde viver e morrer

Mabruka Mimouni: palavras urgentes que não foram escutadas

Mabruka Mimouni, tunisiana de 44 anos, quem levava 20 anos vivendo na Itália sem documentos regulares, suicidou-se no Centro de identificação e Expulsão para Imigrantes "Ponte Galeria" de Roma no dia que devia ser deportada a Tunísia. Esta é a história de uma tragédia que podia ter sido evitada.

Texto Tiziana Perna. Fotografia Simona Granati

Era o dia 24 de abril do ano passado. Você estava na fila como tantos outros diante da comissaria, com os papéis na mão. Suas mãos suavam, mas com ligeireza e esperança esperava, sabia que quase tinha conseguido. Tinha um trabalho de poucas horas e pouco dinheiro, mas um trabalho, e isso bastava para ter uma permissão de estância, um pedaço de papel, um precioso pedaço de papel. Um pedaço de papel onde estava escrito, negro sobre o branco, que você também tinha direito a um pedacinho de espaço nessa terra debaixo deste céu.

Verificaram tudo sobre você, dos seus anos passados na Itália, destes cinco anos de prisão, do primeiro ao último. Encontraram um decreto de expulsão de 2001. Ninguém lhe perguntou o que fazia agora, o que tinha feito nos últimos anos, do cansaço e da força para permanecer de pé, para demonstrar a você mesma e aos outros que podia fazê-lo, que queria viver em paz, modestamente em paz. Não tinha ninguém a quem dizer isto, explicar, contar. Tinha palavras urgentes e necessárias. Não houve orelhas nem inteligências preparadas para receber as palavras.

Você não entendeu imediatamente o que lhe acontecia, só entendeu que alguma coisa não estava acontecendo como tinha pensado, que estavam lhe levando para fora dali, que ninguém lhe dava esse precioso pedaço de papel que lhe autorizava a existir. Ninguém lhe dizia nada. Puseram-lhe em outro quarto. Sua respiração estava curta, o coração ia rápido. Esperou até o último momento que isso não acontecesse com você, que alguém entrasse pela porta e dissesse que tinham se enganado e que



você podia ter esse pedaço de papel. A porta permaneceu fechada até que lhe levaram para fora dali.

Você chegou à Ponte Galeria, e já tinha entendido tudo, que era inútil continuar esperando, que estava sozinha e assim ficaria, e que as suas palavras urgentes e necessárias não teriam nenhum sentido, nem sequer para você. Você já não acreditava em suas palavras, tinha inventado-as do nada. Já não existia a Mabruka que limpa jardins, que volta à casa e prepara o jantar, que compra a dispensa no supermercado, que vê televisão, que pega o metrô. Esta Mabruka estava só, aqui, fechada em um carro blindado da polícia, sem um pedaço de papel, sem trabalho, sem casa, com as palavras urgentes mortas na boca.

Você passou o dia 25 de abril fechada na solidão de uma cela que se fez imensa, onde foi encarcerada não pelo que você fez, senão pelo que você é, culpada por existir. Você deve ter se sentido assim, culpada por ter nascido, por ter tentado viver. Ninguém te liberou no dia 25 de abril do ano passado. Uma manhã você se despertou e encontrou não um invasor mas um funcionário da Cruz Vermelha ou da polícia, pouco importa quem foi, que

lhe comunicou que seria repatriada. Você não entendeu de imediato. Que pátria?, deve ter pensado. Você que havia 20 anos vivia aqui. Voltar para onde? A quem você dizia que não tinha que voltar, que não tinha casa nem família na Tunísia? A quem você contava que tinha escapado deste país havia tanto tempo justamente pelo direito de viver? Você deve ter sentido uma imensa solidão, sozinha dentro de muros altos, grades, leis e selos, juízes e ainda mais diligentes guardiães da ordem.

Ninguém lhe levou, como para sentir que você morria. Você disse a eles que se mataria se lhe enviassem à Tunísia. Alguém disse que isso era problema seu.

Suas companheiras de detenção lhe encontraram pendurada no banheiro da cela na manhã em que devia ser repatriada, empurrada para baixo pela força que acabou com seu voo, que o fez prisioneiro, negando a ele o seu estar na vida e enterrando-lhe sob a montanha...

Seu corpo, sem mais palavras urgentes, foi enviado à Tunísia. Nem sequer morta lhe quiseram, nem sequer lhe concederam um pedaço de espaço terra abaixo.

Adeus Mabruka, bella ciao.

Los de Abajo O som da resistência

Marcela Salas Cassani

México, D.F. Há 18 anos, graças à autogestão, nasceu o primeiro disco da banda Los de Abajo, grupo mexicano com uma música que se distingue pela fusão de ritmos que vão do punk à salsa, passando por reggae, hip hop e eletrônica.

Mas, além dessa mistura de sons, a marca de Los de Abajo é o compromisso social e a insistência em serem eles mesmos, dizendo sem medo o que pensam, como revelam Vladimir, Yocu e Mauricio “Osito” nesta entrevista para Desinformémonos.

A crítica social, um dever e um prazer

Los de Abajo reconhecem que sua educação e o meio onde cresceram foram transcendentais na criação de sua música. A letra de suas canções que convida à reflexão, confirma sua postura: abaixo e à esquerda.

“Vivemos a insegurança e vemos a exploração, por isso a crítica emana de nós; a música é um veículo para falar da problemática dos mexicanos”, diz Osito, saxofonista e vocalista dos Los de Abajo. A BANDA CONSIDERA QUE A CRÍTICA SOCIAL “É UM DEVER” E GOSTAM DE FAZÊ-LA. “É IMPORTANTE CONVIDAR AS PESSOAS A SE INFORMAR PARA QUE POSSA HAVER UMA MUDANÇA”.

“A saída é a autogestão”

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO, LOS DE ABAJO CONSIDERAM QUE NÃO HÁ MUITO O QUE CELEBRAR, POIS EXISTEM AINDA CONDIÇÕES COMO AS QUE HAVIA NO PERÍODO PRÉ-REVOLUCIONÁRIO.

“O patrimônio nacional está sendo vendido, o investimento privado está sendo incentivado, dá-se mais importância aos negócios que aos seres humanos e a soma de todas essas condições é o princípio de uma nova Revolução”, diz Yocu, baterista e violinista.



Fotografia Jorge Dávalos

“A nova Revolução já explodiu – completa Vladimir, guitarrista da banda. Temos o exemplo dos zapatistas, que levam já muitos anos resistindo. Eles são uma prova de que as coisas podem se fazer de outra maneira. Temos que ser autogestionários e não esperar nada do governo, essa é a Revolução”.

Atenco, uma luz

Os integrantes do grupo Los de Abajo consideram que a luta de Atenco para conseguir a liberação de seus 12 presos – da qual participaram – é “como uma luz”. “Atenco é um farol que, no meio da escuridão, nos mostra o caminho da resistência. As pessoas souberam se organizar e conseguiram liberar os presos”.

H.I.J.O.S.

A luta contra o desaparecimento de pessoas é também apoiada pelo los de abajo, como demonstra sua participação no aniversário da organização h.I.J.O.S. (Filhos), em que filhos de desaparecidos políticos lutam para que cessem os assassinatos por causas políticas.

“É importante que as pessoas tenham claro que os desaparecidos políticos ainda existem no México, e os casos não estão diminuindo, mas aumentando”, explica Yocu.

Alícia e outros projetos

O caminho percorrido pelo mundo da música e da resistência não extinguiu o anseio por novos projetos no los de abajo, que atualmente promove seu disco *actitud calle*.

Além disso, a banda prepara a apresentação de seu disco *alicia*, que foi gravado no fórum homônimo, “um lugar pelo qual temos muito carinho”, afirmam.

“É uma honra ter gravado um disco no *alicia*, é como nossa segunda casa, um lugar autogestionário e aberto à diversidade”.

No próximo ano, los de abajo se apresentarão na Europa, no Canadá e nos Estados Unidos e gravarão o disco *latin ska force ii*. “O mais importante é continuar fazendo música, é do que gostamos”.

A vida fica mais dura e cada vez tem menos trabalho

Maritza é uma trabalhadora nicaraguense, mãe de quatro filhos. Um de seus empregos consiste em vender rojões, ocupação com a qual arrisca a vida. Edição de um testemunho colhido por Amaranta Cornejo Hernández em León, Nicarágua. Fotografia Luigi Partenza

Sou Maritza Hernández, tenho quatro filhos que fui criando. Dois deles estudam e as outras duas têm cuidam de seus bebês. Trabalho desde os catorze anos. Tinha umas vizinhas que faziam comida para vender e eu as acompanhava. Nos mercados oferecia produtos trazidos de Honduras. Estudei até o primeiro ano do colegial, logo fiquei grávida. Começaram as greves. Eu estava para dar a luz e não continuei trabalhando.

Agora lavo, passo, cuido de casas. Meu companheiro trabalha de eletricista e pedreiro. Independente do que se consiga por aqui o trabalho está muito duro. Em agosto e no Natal vendo pólvora para me ajudar um pouco. Porque o trabalho de lavadeira não é diário, e o gasto com a comida sim.

Mantenho também meus netos. Ajudo minhas filhas, uma delas é mãe solteira. Assim vamos, pouco a pouco. Foi muito dura a vida.

Trabalhar com pólvora é perigoso. Dormimos com o produto dentro de uma casa improvisada, e assim passamos dia e noite. Colocamos a vida em risco, porque uma faísca pode fazer começar o fogo. As leis estão muito duras e nos pedem muitos requisitos. Mas com a esperança de que as coisas dêem certo e de sair um pouco de tantas dívidas, uma pessoa faz empréstimos para poder pagar os impostos. No entanto, em agosto as vendas foram baixíssimas.

Antes lavava e passava muito, mas agora tenho artrite. Para lavar roupa no centro se cobra até 35 córdobas (menos de US\$ 2,00) a dúzia, aqui cobro 20 ou 25.

É preciso lutar para levar os filhos à aula. Eu lhes digo: Vocês têm que ser melhores

do que eu, têm que se sair bem. Ao trabalhar de doméstica os patrões te dão trabalho acumulado e querem pagar muito pouco, além de te tratarem mal. Por isso deixei de ser doméstica e passei a me dedicar a lavar e passar. Quando a roupa se acumula amanheço passando porque tenho que entregar a roupa no dia seguinte. E é pouco o que as pessoas querem pagar.

Eu digo às minhas duas filhas que têm bebê, que se elas quiserem trabalhar e estudar, eu cuido das crianças, que procurem um curso de algo, porque vai ajudá-las a se saírem bem.

Dou graças a deus que com o que tenho meus filhos se ajustam. Se vamos passar a omelete e sal, omelete e sal comemos. Eles não estão exigindo. Se ficam com fome, ficam calados.

Eu tenho esperança que os dois últimos filhos cheguem a se preparar. Eu repito que quando eu não estiver eles têm que ver uns aos outros e se apoiar mutuamente porque eu não lhes deixarei herança, nem nada. Nem a casa onde vivemos é minha. Então têm que trabalhar para ter algo próprio. Eu fiz solicitações na prefeitura para comprar casa, mas talvez pela minha entrada de pagamentos me rejeitem, porque é em dólares. Na verdade sou honesta e digo que o que recebo é muito baixo. Não tenho condições de dizer de quanto é meu pagamento. Talvez por isso nunca tenham me dado um terreno para comprar. E meu sonho foi ter uma casa própria, de onde ninguém vai tirar meus filhos, para que vivam todos ali. Essa é a vida do pobre, e para os que chegamos a nos preparar, é muito duro. Tudo fica, como dizem, em sonhos e nada mais. A vida fica mais dura e aqui cada vez tem menos trabalho.



Depoimento de um trabalhador libertário

Um olhar sobre a greve na França

«O movimento existiu, mas não houve nada muito animador em Paris. Estava bonita a multidão de pessoas nas grandes jornadas de mobilização, mas no dia-a-dia, na minha universidade, as pessoas que participam no movimento vão diminuindo»

Sou membro de um grupo libertário pequeno, o Ofensiva Libertária e Social (OLS). Sou um homem branco de 32 anos que trabalha na biblioteca Xavier Bichat da Universidade de Paris 7, Denis Diderot. Sem estar filiado a um sindicato, participo de diversas assembleias gerais que são feitas na universidade.

No mês de maio, junto a um companheiro de trabalho, fizemos um panfleto para o movimento, o mesmo que difundimos em todas as caixas de correio da faculdade de medicina de Xavier Bichat. Como estamos um pouco isolados, não quisemos fazer um chamado a uma assembleia geral.

Desde o começo das aulas em setembro, quase a totalidade dos companheiros entraram em greve. Depois a biblioteca fechou, e a greve teve mais visibilidade local. Outros funcionários (trabalhadores dos serviços técnicos) aderiram massivamente à greve.

Quando posso, participo da greve independentemente do movimento geral e estudantil em particular. Em outubro isso começa a acontecer. O movimento desta vez começa a se desenrolar lentamente em nossa universidade, já que as aulas não começaram realmente.

Houve palavras e atos de solidariedade com outros grevistas, como os de uma usina de incineração situada nas redondezas da universidade, na cidade vizinha a Ivry. Algo que se critica de maneira geral e que está muito presente no movimento é que praticamente ninguém cogitou o fato de que um incinerador é um gerador de doenças e que deveríamos buscar sua paralisação total no futuro.

A partir do dia 12 de outubro começou um movimento minoritário de greve na universidade e em outras partes. Neste movimento, muitos buscaram ainda alguns



bastiões - neste caso foram as refinarias -, para ganhar por falta de uma greve geral e por meio de ações diretas como barricadas e sabotagens econômicas.

Eu participei da luta local e das barricadas mais gerais, como o do museu do Louvre ou o da empresa Véolia. O ânimo também veio de outras cidades onde houve mais barricadas. Uma companheira me contou, por exemplo, sobre uma que houve numa zona industrial em Amiens.

Em poucas palavras, o movimento existiu, mas não se produziu nada muito animador em Paris. Estava bonita a multidão

nas grandes jornadas de mobilização, mas, no dia-a-dia, na minha universidade, as pessoas que participam no movimento vão diminuindo, aos poucos, até que a coisa acaba.

Falta saber se uma auto-organização da luta poderá se integrar para mandar pelos ares os representantes de nossa miséria: os sindicatos tradicionais. Assim poderemos continuar a luta preparando jornadas reais de mobilização convocadas diretamente pela base, pelas pessoas que estiveram no movimento deste outono.

Rimso!

Dia da Consciência Negra **Abdiasdo Nascimento:** um século de luta negra

Abdias do Nascimento nasceu em 1914, numa época em que ainda eram extremamente recentes as lembranças da escravidão no país, abolida em 1888. Ao longo de seus 96 anos, Abdias do Nascimento participou de inúmeras passagens importantes das lutas negras do século XX, não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos e na África. Sua luta é ela mesma a história da luta negra no Brasil.

*Edição da entrevista realizada por Joana Moncau e Spensy Pimentel**

* colaboraram Rafael Gomes e Gabriela Moncau

A seguir entrevista exclusiva ao *Desinformémonos*, respondida por e-mail, por sua esposa, Elisa Larkin Nascimento, e subscrita por Abdias:



Foto: Agência Brasil

Qual a importância do Dia Nacional da Consciência Negra?

O dia 20 de novembro simboliza a resistência dos africanos contra a escravatura. Durante o período colonial, em todo o território nacional, havia quilombos e outras formas de resistência que, em seu conjunto, desestabilizaram a economia mercantil e levaram à abolição da escravatura. Esse é o verdadeiro sentido da luta abolicionista, cujos protagonistas eram os próprios negros. Eles se aliavam a outras forças, mas muitas vezes foram traídos por seus aliados. Mais tarde, entretanto, a visão eurocêntrica da história ergueria os aliados como supostos atores e heróis da Abolição. A comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra tem como objetivo reafirmar a necessidade de continuarmos, nós, os negros, protagonizando a luta contra o racismo que ainda impera neste país.

Como o senhor avalia a questão da “democracia racial” no Brasil de hoje?

O racismo no Brasil se caracteriza pela covardia. Ele não se assume, e por isso não tem culpa nem autocrítica. Costumam descrevê-lo como sutil, mas isto é um equívoco. Ele não é nada sutil, pelo contrário, para quem não quer se iludir ele fica escancarado ao olhar mais casual e superficial. O olhar aprofundado só confirma a primeira impressão: os negros estão mesmo nos patamares inferiores, ocupam a base da pirâmide social, e lá sofrem discriminação e rebaixamento de sua autoestima em razão da cor.

Nesses termos, como o senhor avalia o caso de Cuba?

A ideologia racial cubana é irmã gêmea da “democracia racial” brasileira. O ideal da “Cor Cubana” acompanha a constante referência ilusória à suposta cordialidade latina. A sociedade dominante cultivava uma hierarquia social da cor baseada nos valores do supremacismo branco. Ao mesmo tempo, a elite majoritariamente branca que ocupa o poder oficializa o autoelogio de sua suposta generosidade histórica para com os escravizados e os descendentes africanos. A dinâmica entre o sonho e a realidade do socialismo dá um tom distinto ao questionamento do sistema no que diz respeito à questão racial.

Qual a importância da questão da terra para o movimento negro no Brasil de hoje?

É negra a grande maioria dos sem-terra, hoje organizados. A importância da terra está fundamentalmente ligada ao fato de que as cidades estão inchadas, inviabilizadas, e não dão conta de oferecer condições de vida dignas à população que já as habita, tendo grande parte dela migrado do interior. A produção agrícola baseada em unidades pequenas, familiares ou comunitárias, é a única solução para o campo e ela precisa, hoje, de subsídios e políticas de Estado para se viabilizar. As comunidades quilombolas fazem parte integral dessa solução.

“Estamos cansados de estar cansados” não mais partidos

Comunidade indígena no estado mexicano de Guerrero desconhece autoridades e exige fim das eleições e dos partidos
Edição do texto de Spensy Pimentel

Montanhas de Guerrero, México. No município de Atlamajalcingo del Monte, em Guerrero, sudoeste mexicano, os cerca de 7 mil habitantes das 16 comunidades de tlapancos e mixtecos (na savi e me'phaa) tomaram em assembléia no último 15 de agosto a decisão de desconhecer a autoridade do governo municipal encabeçado por Isidoro Andrade Pastrana. Desde então, ocupam pacificamente as instalações da Prefeitura, onde permanecem até o momento para exigir a cassação dos integrantes do governo local e o reconhecimento legal do Conselho Municipal nomeado por eles. Este, segundo a coordenação do movimento, foi nomeado conforme os usos e costumes indígenas.

Agora os indígenas exigem que o Congresso do Estado de Guerrero reconheça suas autoridades tradicionais indígenas como seus legítimos representantes. Simitrio Guerrero Comonforte, membro do novo Conselho de Governo Municipal, explica que, antes da decisão de 15 de agosto, a comunidade tentou construir um diálogo, em mais de 10 reuniões, mas sem resultados positivos. “Reunião após reunião, nunca nos escutaram. Por isso, deu-se o ocorrido”. “Decidimos por unanimidade desconhecer todo o gabinete local e também fechar as instalações do governo municipal. Porque estavam abertas inutilmente, já que ninguém trabalhava.”

Depois, começaram os problemas com o Congresso, para conseguir que os deputados examinassem a proposta de cassação do governo local. “Ao não ver resposta nenhuma dos deputados, as comunidades recorreram a sua memória histórica, recuperando sua forma própria de organização, seu direito próprio”, conta Simitrio.

Em 5 de outubro, o povo de Atlamajalcingo viajou até Chilpancingo, capital do estado. Os indígenas marcharam até o Congresso e o fecharam para exigir a cassação e o reconhecimento do novo con-



selho municipal. Ainda assim, até agora, a proposta não foi analisada. “O que vimos nesse processo é que o próprio sistema parece estar desenhado para não favorecer aos mais pobres, aos povos indígenas. Insistimos que a luta vai continuar”, diz o conselheiro.

Enquanto aguardam uma solução para seu caso, os moradores do município rebelado reclamam do assédio do Exército e da Polícia, que fazem constantes visitas de patrulha aos seus povoados, muitas vezes em plena madrugada. Tão logo obtenham o reconhecimento do novo

Conselho, os habitantes de Atlamajalcingo querem, também, banir do município a política partidária, a qual consideram ineficiente e cara. Os métodos tradicionais prevêm mecanismos para estabelecer um poder rotativo e impedir conflitos, conta Simitrio. “A política partidária e as eleições só servem para desperdiçar tempo e dinheiro, e dividir o povo. Nós temos maneiras mais eficientes de resolver nossos problemas. As comunidades estão cansadas de estar cansadas. Já não querem nem estar cansadas. Hoje estamos enojados e fartos. Queremos dizer: basta!”

Em Valência Donyets, um atrevimento pedagógico

Aqui as crianças não são avaliadas, não há qualificações nem graus, e os pais e mães assumem o “risco” de não contar com os papéis oficiais.

Gloria Muñoz Ramírez

Valência, Estado Espanhol. Um espaço educativo livre para o qual a palavra “escola” é muito rígida, um lugar nada convencional em que a premissa fundamental é a liberdade dentro de uma coletividade, aliando o crescimento e a formação das crianças a partir do que cada um quer e necessita. *Donyets* é um atrevimento pedagógico do qual surgem pessoas que rejeitam a imposição e o autoritarismo, seres humanos críticos e rebeldes, longe da docilidade cultivada nas escolas formais.

No bairro de Pedralvilla, em Valência, constrói-se passo a passo uma aposta educativa diferente, que foge às regras da educação formal. Não se trata de um espaço no qual “as crianças aprendem o mesmo de outras maneiras”, como explica Jordi Martínez, um dos coordenadores. Trata-se de um trabalho psicodinâmico e preventivo, que tenta fundar as bases da mudança social na infância.

Nada mais rebelde e emancipador que respeitar os processos normais das crianças, fazendo-lhes sentir amados, queridos, tocados e, principalmente, levados em conta. Trata-se, antes de mais nada, de fomentar que as crianças façam o que lhes apeteça, que decidam o que querem aprender e do que querem brincar, partindo de que cada um e uma são diferentes, e que cada um tem sua personalidade e seu ritmo.

Imma Serrano, outra das coordenadoras e uma entusiasta promotora do projeto, adverte que não se trata de que as crianças cresçam sem regras, mas de que saibam que sua palavra conta no meio de uma coletividade e de outras palavras que também contam. São meninos e meninas capazes de lutar pelo que querem, e se programam, por exemplo, que querem coisas boas para o mundo, o resultado é, sem dúvida, que se desenvolvem com maior felicidade.

A experiência educativa em *Donyets* não é reconhecida institucionalmente. Aqui as crianças não são avaliadas, não há qualificações nem graus, e os pais e mães assumem o “risco” de não contar com os papéis oficiais. Algo que pode parecer insólito em um país europeu onde predominam os valores da competição.

Aqui, explica Imma, não há objetivos *a priori*, e as crianças (de 2 a 14 anos) desenvolvem-se sem pressões. Recursos e ferramentas são facilitados a elas para que continuem com sua educação preparatória e universitária, e, na maioria dos casos, quando inseridos no sistema formal, resultam serem alunos brilhantes, críticos e sempre curiosos.

Donyets trabalha sem o reconhecimento oficial e portanto não tem recursos institucionais. No espaço, a autogestão é parte importante do projeto, pois envolve toda a comunidade.

A principal característica de *Donyets* vai junto da prevenção, “e ao preservar o afetivo e o emocional no processo de crescimento e amadurecimento dos meninos e meninas. Vale dizer que, junto aos valores intrínsecos de viver a democracia e a autogestão, prestamos atenção às raízes biológicas e psíquicas de nosso comportamento. Podemos viver a democracia em espaços sociais sob a condição de poder viver a liberdade interior, o fluxo de expressões e manifestações que vão se mostrando já no bebê, na criança e no adolescente. O germen dessa função é a busca do prazer e da felicidade, e não a conformação com modelos adultos estabelecidos”. A autogestão em *Donyets* se dá na vida cotidiana e no autogoverno dos espaços organizados em assembleias.



*Desinformémonos hermanos
tan objetivamente como podamos*

*desinformémonos con unción
y sobre todo
con disciplina*

*que, espléndido que tus vastas praderas
patriota del poder
sean efectivamente productivas*

*desinformémonos
qué lindo que tu riqueza no nos empobrezca
y tu dádiva llueva sobre nosotros pecadores
qué bueno que se anuncie tiempo seco*

*desinformémonos
proclamemos al mundo la mentidad y la verdira*

*desinformémonos
nuestro salario bandoneón se desarruga
y si se encoge eructa quedamente
como un batracio demócrata y saciado*

*desinformémonos y basta
de pedir pan y techo para el mísero
ya que sabemos que el pan engorda
y que soñando al raso
se entonan los pulmones*

*desinformémonos y basta
de paros antihigiénicos que provocan
erisipelas y redundancias
en los discursos del mismísimo*

*basta de huelgas infecto contagiosas
cuya razón es la desidia
tan subversiva como fétida*

*garanticemos de una vez por todas
que el hijo del patrón gane su pan
con el sudor de nuestra pereza*

*desinformémonos
pero también desinformemos*

*verbigracia
tiranos no tembléis
por qué temer al pueblo
si queda a mano el delirium tremens
gustad sin pánico vuestro scotch
y dadnos la cocacola nuestra de cada día*

*desinformémonos
pero también desinformemos*

*amemos al prójimo oligarca
como a nosotros laburantes*

*desinformémonos hermanos
hasta que el cuerpo aguante
y cuando ya no aguante
entonces decidámonos
carajo decidámonos
y revolucionémonos.*

Mario benedetti

